

Julia Quinn

DAMAS REBELDES • 3

Indomável

A história de Henry





Indomável

A história de Henry



Título original: *Minx*

Copyright © 1996 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Ildiko Neer / Trevillion Images

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64p

Quinn, Julia, 1970-

Indomável / Julia Quinn ; tradução Ana Rodrigues. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.

336 p. ; 23 cm. (Damas rebeldes ; 3)

Tradução de: *Minx*

Sequência de: *Brilhante*

ISBN 978-65-5565-216-1

1. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

21-72235

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Fran Lebowitz –
Uma agente maravilhosa, uma amiga maravilhosa.*

*E para Paul, embora ele ainda não tenha parado de perguntar:
“Onde estão todos os visons?”*

PRÓLOGO

Londres, 1816

William Dunford deu uma risadinha de desprezo enquanto observava os pombinhos com os olhos fixos um no outro, a expressão cheia de desejo. Lady Arabella Blydon, uma de suas melhores amigas, acabara de se casar com lorde John Blackwood, e agora os dois estavam se encarando como se quisessem se devorar. Era repulsivamente adorável.

Dunford bateu o pé e revirou os olhos, na esperança de que o casal se afastasse. Os três, junto com Alex, o melhor amigo de Dunford e duque de Ashbourne, e sua esposa, Emma, que por acaso era prima de Belle, estavam a caminho de um baile. Houvera um contratempo com a carruagem e agora aguardavam a chegada de outro veículo.

Ao ouvir o som de rodas nos paralelepípedos se aproximando, Dunford se virou. A nova carruagem parou diante deles, mas Belle e John não demonstraram notar. Na verdade, pareciam prestes a se jogar nos braços um do outro e fazer amor ali mesmo. Dunford decidiu que aquilo já tinha ido longe demais.

– Eiiiiii! – gritou com uma voz nauseantemente doce. – Pombiiiiinhos!

John e Belle enfim desviaram os olhos e se viraram, meio atordoados, para Dunford, que caminhava na direção deles.

– Se já tiverem acabado com as demonstrações públicas de afeto, podemos seguir em frente. Caso não tenham percebido, a nova carruagem chegou.

John respirou fundo antes de se virar para Dunford e comentar:

– Estou vendo que ninguém se deu o trabalho de ensiná-lo a ter mais tato. Dunford deu um sorriso animado.

– De fato. Vamos?

John se virou para a esposa e lhe ofereceu o braço.

– Meu bem?

Belle aceitou com um sorriso, e quando passaram por Dunford ela se virou e sussurrou:

– Vou matar você por isso.

– Estou certo de que vai tentar.

Logo os cinco se acomodaram na nova carruagem, mas, depois de um instante, John e Belle já estavam perdidos de novo nos olhos um do outro. John pousou a mão sobre a mão da esposa e ficou tamborilando com os dedos distraidamente sobre os dela. Belle deixou escapar um leve som de contentamento.

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou Dunford, virando-se para Alex e Emma. – Olhem só esses dois. Nem vocês eram tão insuportáveis.

– Um dia – interrompeu Belle com a voz baixa, apontando o dedo para ele –, quando você conhecer a mulher dos seus sonhos, vou fazer da sua vida um inferno.

– Temo que isso nunca venha a acontecer, minha cara Arabella. A mulher dos meus sonhos é um modelo de perfeição tão grande que não é possível que exista.

– Ah, por favor – zombou Belle. – Aposto que em um ano você vai estar amarrado, acorrentado e adorando isso.

Arabella se recostou no assento com um sorriso de satisfação. Ao seu lado, John estremecia de tanto rir.

Dunford se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Aceito a aposta. Quanto está disposta a perder?

– Quanto *você* está disposto a perder?

Emma se virou para John.

– Parece que você se casou com uma jogadora...

– Se eu soubesse disso, pode ter certeza de que teria tido mais cuidado com minhas ações.

Belle deu uma leve cotovelada nas costelas dele, sem deixar de encarar Dunford.

– E então? – perguntou ela.

– Mil libras.

– Feito.

– Você ficou louca? – disse John.

– Por quê? Acha que só os homens sabem apostar?

– Ninguém faria uma aposta tão tola, Belle – declarou John. – Você está apostando com a pessoa que tem controle sobre o resultado. É claro que vai perder.

– Não subestime o poder do amor, meu caro. Embora, no caso de Dunford, talvez luxúria já seja suficiente.

– Assim você me ofende – retrucou Dunford, levando a mão dramaticamente ao coração –, presumindo que não sou capaz de nutrir sentimentos mais nobres.

– E você é?

Dunford cerrou os lábios. Belle teria razão? Ele não fazia ideia. De qualquer forma, em um ano estaria mil libras mais rico. Dinheiro fácil.

CAPÍTULO 1

Poucos meses depois, Dunford estava sentado no salão de sua casa, tomando chá com Belle. Ela fora até ali para conversar e havia acabado de chegar. Dunford ficou feliz com a visita inesperada, afinal os dois já não se viam tanto depois que Belle se casara.

– Tem certeza de que John não vai aparecer aqui com uma arma e me desafiar para um duelo? – implicou Dunford.

– Ele está ocupado demais para esse tipo de bobagem – respondeu ela com um sorriso.

– Ocupado demais para dar vazão à sua natureza possessiva? Que estranho. Belle deu de ombros.

– John confia em você e, o mais importante, confia em mim.

– Um verdadeiro modelo de virtude – comentou Dunford com ironia, dizendo a si mesmo que não tinha o menor ciúme da felicidade conjugal da amiga. – E como...

Ouviram batidas na porta. Whatmough, o imperturbável mordomo de Dunford, estava parado ali.

– Um advogado deseja vê-lo, senhor.

Dunford ergueu uma sobrancelha.

– Um advogado? Não imagino por quê.

– Ele é bastante insistente, senhor.

– Deixe o cavalheiro entrar, então.

Dunford se voltou para Belle e deu de ombros, como quem diz “O que você imagina que possa ser *isso*?”

Ela devolveu o olhar com um sorrisinho travesso.

– Intrigante.

– Eu que o diga.

Whatmough levou o advogado até o salão. Era um homem grisalho, de estatura mediana, que pareceu muito animado ao ver Dunford.

– Sr. Dunford?

Dunford assentiu.

– Não tenho palavras para expressar como estou feliz por finalmente tê-lo encontrado – disse o advogado com entusiasmo.

Ele olhou para Belle com uma expressão de dúvida.

– Essa é a Sra. Dunford? Fui levado a crer que não era casado, senhor. Ah, isso é estranho. Muito estranho.

– Eu não sou casado. Essa é lady Blackwood, minha amiga. E o senhor é?

– Ah, me desculpe. Por favor, me desculpe.

O advogado pegou um lenço e enxugou a testa.

– Percival Leverett, da Cragmont, Hopkins, Topkins e *Leverett*.

O homem se inclinou para a frente, para enfatizar o próprio sobrenome.

– Tenho uma notícia muito importante para o senhor. Importantíssima. Dunford abriu os braços.

– Vamos ouvir, então.

Leverett olhou para Belle e novamente para Dunford.

– Talvez devêssemos falar em particular, senhor. Já que a dama não é da sua família.

– É claro – disse Dunford, e se virou para Belle. – Você não se importa, não é?

– Ah, de jeito nenhum – garantiu Belle, deixando claro com seu sorriso que ela teria mil perguntas para fazer assim que eles terminassem. – Vou esperar aqui.

Dunford fez um gesto em direção a uma porta que levava a seu escritório.

– Por aqui, Sr. Leverett.

Os dois homens deixaram o salão e Belle ficou encantada ao perceber que não tinham fechado bem a porta. Ela se levantou na mesma hora e se acomodou na cadeira mais próxima da porta entreaberta. Então esticou o pescoço e aguçou os ouvidos.

Murmúrios.

Mais murmúrios.

Então Dunford disse:

– Meu primo *quem*?

Murmúrios e mais murmúrios.

– De *onde*?

Murmúrios novamente, algo que soou como “Cornualha”.

– Qual é o grau de parentesco?

Não, não era possível que tivesse ouvido “oitavo”.

– E ele me deixou *o quê?*

Belle bateu palmas. Que fantástico! Dunford acabara de receber uma herança inesperada. Ela torcia para que fosse algo bom. Uma de suas amigas tinha acabado de herdar, a contragosto, 37 gatos.

Foi impossível decifrar o restante da conversa. Depois de alguns minutos, os dois homens retornaram ao salão e trocaram um aperto de mãos. Leverett guardou alguns papéis na pasta que carregava e disse:

– Enviarei o restante dos documentos assim que for possível. Precisamos de sua assinatura, é claro.

– É claro.

Leverett se despediu com um aceno de cabeça e deixou a sala.

– E então? – perguntou Belle.

Dunford piscou algumas vezes, como se ainda não conseguisse acreditar no que acabara de ouvir.

– Parece que herdei um baronato.

– Um baronato! Meu Deus, não vou ter que chamá-lo de lorde Dunford agora, vou?

Ele revirou os olhos.

– Quando foi a última vez que a chamei de lady Blackwood?

– Há menos de dez minutos – lembrou ela, petulante –, quando me apresentou ao Sr. Leverett.

– *Touché.*

Ele afundou no sofá, sem nem esperar que ela se sentasse primeiro.

– Suponho que agora você poderá me chamar de lorde Stannage.

– Lorde Stannage – murmurou Belle. – Que distinto! William Dunford, lorde Stannage – repetiu ela, com um sorrisinho travesso. – É William, não é?

Dunford deu uma risadinha. Era tão raro alguém chamá-lo pelo primeiro nome que os dois sempre brincavam que Belle não conseguiria se lembrar.

– Eu perguntei à minha mãe – respondeu ele por fim. – Ela disse que *acha* que é William.

– Quem morreu? – perguntou Belle sem rodeios.

– Sempre tão requintada e cheia de tato, minha querida Arabella.

– Ora, você obviamente não está sofrendo muito com a perda desse, hum, parente *distante*, já que não sabia da existência dele até agora.

– Um primo. Um primo de oitavo grau, para ser exato.

– E não conseguiram encontrar nenhum parente mais próximo? – per-

guntou Belle, chocada. – Não que eu esteja reclamando da sua boa sorte, é claro, mas é um parentesco *muito* distante.

– Parece que nossa família tem uma forte tendência a produzir herdeiras.

– Bem colocado – murmurou ela em um tom sarcástico.

– De qualquer maneira – disse ele, ignorando a ironia da amiga –, agora tenho a posse de um título e de uma pequena propriedade na Cornualha.

Então ela ouvira corretamente.

– Você já esteve lá?

– Nunca. E você?

Belle balançou a cabeça.

– Ouvi dizer que é um lugar bastante dramático. Penhascos, ondas batendo nas pedras e tudo o mais. Bastante primitivo.

– Não deve ser tão primitivo assim, não é, Belle? Afinal, ainda é a Inglaterra.

Ela deu de ombros.

– Você vai até lá para uma visita?

– Acho que preciso ir – disse ele, tamborilando com um dedo na coxa.

– Bem, se for mesmo primitivo como você diz, provavelmente vou adorar.

G

– Espero que ele odeie este lugar – declarou Henrietta Barrett, dando uma mordida feroz na maçã em sua mão. – Que odeie de verdade.

– Ora, ora, Henry – disse a Sra. Simpson, a governanta de Stannage Park, com uma risadinha. – Isso não é muito simpático da sua parte.

Os olhos de Henry tinham um brilho melancólico.

– Não estou vendo nenhuma razão para ser simpática, Sra. Simpson. Dediquei muito trabalho a Stannage Park.

Henry morava na Cornualha desde os 8 anos de idade, quando seus pais morreram em um acidente de carruagem em Manchester, sua cidade natal, deixando-a órfã e sem um tostão. Viola, a falecida esposa do falecido barão, era prima da avó de Henry e tivera a gentileza de concordar em acolhê-la. Henry se apaixonara na mesma hora por Stannage Park – desde a pedra de cor clara que cobria as paredes da casa às janelas cintilantes – e por cada arrendatário que vivia ali. Os criados chegaram a encontrá-la polindo a prata em certa ocasião.

– Quero tudo brilhando – disse ela. – Tem que estar tudo perfeito, porque este lugar *é* perfeito.

E assim a Cornualha se tornara a sua casa, mais do que Manchester jamais fora. Viola a adorava, e Carlyle, seu marido, acabara se tornando uma espécie de figura paterna distante. Ele não passava muito tempo com Henry, mas sempre lhe dava uma palmadinha carinhosa na cabeça quando ela passava por ele no corredor. No entanto, quando Henry tinha 14 anos, Viola morreu. Carlyle ficou desolado e se fechou em si mesmo, negligenciando por completo a administração da propriedade.

Henry imediatamente se dispusera a assumir essa função. Ela amava Stannage Park e tinha ideias firmes sobre como a propriedade deveria ser administrada. Nos últimos seis anos, não cumprira apenas o papel de senhora da mansão, mas também o de senhora da propriedade inteira, sendo aceita por todos como a pessoa no comando. E Henry gostava muito da vida que levava.

Mas agora Carlyle estava morto e a propriedade e o título haviam passado para um primo distante dele em Londres, provavelmente um almofadinha, um dândi. Henry soube que ele nunca colocara os pés na Cornualha antes (esquecendo, de forma muito conveniente, que ela mesma não estivera ali até os 8 anos).

– Qual é o nome dele mesmo? – perguntou a Sra. Simpson, sovando com as mãos habilidosas a massa do pão.

– Dunford. Alguma-coisa Dunford – informou Henry em um tom de desprezo. – Não se deram o trabalho de me informar o primeiro nome do homem, embora eu suponha que isso não importe agora que ele é lorde Stannage. Provavelmente vai fazer questão que usemos o título. É o que os recém-chegados à aristocracia costumam fazer.

– Você fala como se fosse uma aristocrata, Henry. Não comece a torcer o nariz para o cavalheiro.

Henry suspirou e deu outra mordida na maçã.

– É provável que ele vá me chamar de Henrietta.

– E deveria mesmo. Você já está velha demais para ser chamada por apelidos.

– *Você* me chama de Henry.

– Estou velha demais para mudar, mas você não. E já está na hora de deixar de lado esses seus modos impetuosos e encontrar um marido.

– E depois? Ir morar na Inglaterra? Eu não quero sair da Cornualha.

A Sra. Simpson sorriu e evitou lembrar à jovem que a Cornualha, na verdade, era parte da Inglaterra. Henry era tão devotada à região que não conseguia pensar nela como parte de um todo.

– Há cavalheiros aqui na Cornualha, sabia? – disse a governanta. – Um bom número, inclusive, nas aldeias vizinhas. Você poderia se casar com um deles.

Henry deu uma risadinha de desprezo.

– Não há ninguém aqui que valha a pena e você sabe disso, Simpy. Além do mais, ninguém iria me querer. Eu não tenho um único xelim agora que Stannage Park foi parar nas mãos desse estranho, e todos os homens locais me veem como uma aberração.

– Isso não é verdade! – apressou-se a retrucar a Sra. Simpson. – Todos olham para você.

– Eu *sei* – respondeu Henry, revirando os olhos cinza-prateados. – Eles me olham como se eu fosse um homem, e sou grata por isso. Mas a questão é que homens não querem se casar com outros homens, entende?

– Talvez se você usasse vestidos...

Henry olhou para a calça desbotada de tanto uso.

– Eu uso vestido. Em ocasiões apropriadas.

– Não consigo imaginar que ocasiões seriam *essas* – comentou a Sra. Simpson, bufando –, já que eu nunca vi você usando um. Nem mesmo na igreja.

– Sorte a minha o vigário ser um cavalheiro de mente aberta.

Simpy lançou um olhar astuto na direção da jovem.

– Sorte a sua o vigário gostar tanto do conhaque francês que você manda para ele uma vez por mês.

Henry fingiu não ouvir.

– Eu usei vestido no velório de Carlyle, caso não se lembre. E no baile do condado no ano passado. E sempre que recebemos convidados. Tenho pelo menos cinco vestidos no armário, para sua informação. Ah, e também uso para ir à cidade.

– Não usa, não.

– Bem, talvez não para ir até o nosso vilarejo, mas uso sempre que vou a outra cidade. Mas qualquer um concordaria que vestidos não são muito práticos quando estou por aí cuidando dos afazeres ligados à propriedade.

Sem mencionar, pensou Henry com ironia, *que todos me caem terrivelmente mal*.

– Bem, é melhor que esteja usando um deles quando o Sr. Dunford chegar.

– Eu não sou idiota, Simpy.

Henry atirou o miolo da maçã em um balde com sobras do outro lado da cozinha e soltou um gritinho de triunfo quando acertou em cheio.

– Há meses não erro a mira naquele balde.

A Sra. Simpson balançou a cabeça.

– Se alguém pudesse ensinar você a se comportar como uma moça...

– Viola tentou – respondeu Henry sem o menor pudor. – E talvez tivesse conseguido se tivesse vivido mais. Mas a verdade é que gosto de mim assim mesmo.

Na maioria das vezes, ao menos, pensou Henry. De vez em quando via uma dama elegante usando um vestido lindo, com o ajuste perfeito. Aquelas mulheres não tinham pés, decidiu Henry. Tinham rodinhas, porque praticamente deslizavam. E aonde quer que fossem, dezenas de homens fascinados as seguiam. Henry olhava para aqueles séquitos e imaginava esses mesmos homens andando atrás dela. Então ria. Era provável que esse sonho em particular não se tornasse realidade... Mas não tinha importância, porque ela gostava muito da vida que levava, certo?

– Henry? – chamou a Sra. Simpson, inclinando-se para a frente. – Henry, eu estava falando com você.

A jovem piscou para sair do devaneio.

– Hummm? Ah, desculpe, eu estava pensando no que fazer com as vacas – mentiu. – Não tenho certeza se temos espaço suficiente para todas.

– Você deveria estar pensando no que fazer quando o Sr. Dunford chegar. Ele mandou avisar que viria esta tarde, não foi?

– Sim, maldito seja.

– Henry! – ralhou a Sra. Simpson.

A jovem balançou a cabeça e suspirou.

– Se há um momento certo para praguejar, o momento é este, Simpy. E se ele se interessar por Stannage Park? Ou pior... E se quiser assumir o comando da propriedade?

– Se isso acontecer, estará no direito dele. O homem é o dono agora, como você sabe.

– Eu sei, eu sei. É uma pena.

A Sra. Simpson moldou a massa no formato de um pão e a colocou de lado para que descansasse. Enquanto limpava as mãos, falou:

– Talvez ele venda a propriedade. E se vender para alguém daqui, você não terá com que se preocupar. Todo mundo sabe que não há ninguém melhor do que você para administrar Stannage Park.

Henry saltou da bancada onde estava empoleirada, levou as mãos aos quadris e começou a andar de um lado para outro da cozinha.

– Ele não pode vender. A herança está atrelada por morgadio, ou seja, o título o impede de dispor do que herdou. Caso contrário, acho que Carlyle teria deixado a propriedade para mim.

– Ah. Bem, então você vai ter que se esforçar para se dar bem com o Sr. Dunford.

– Lorde Stannage agora – corrigiu Henry com um gemido. – Lorde Stannage... dono da minha casa e responsável por todas as decisões relativas ao meu futuro.

– O que isso significa?

– Significa que ele é o meu novo tutor.

– O quê? – disse a Sra. Simpson, deixando cair o rolo de massa.

– Sou tutelada dele.

– Mas... mas isso é impossível. Você nem conhece o homem.

Henry deu de ombros.

– É assim que o mundo funciona, Simpy. Nós, mulheres, não temos cérebro, precisamos de tutores para nos guiar.

– Não acredito que você não me contou isso.

– Eu não conto tudo a você, sabia?

– Eu já imaginava – retrucou a Sra. Simpson, dando uma bufadinha.

Henry deu um sorriso tímido. Era verdade que ela e a governanta eram muito mais próximas do que se poderia esperar. Distraída, Henry brincava com uma mecha do longo cabelo castanho, uma de suas poucas concessões à vaidade. Teria sido mais sensato cortá-lo, mas era cheio e macio, e Henry simplesmente não tolerava essa ideia. Além do mais, tinha o hábito de enrolá-lo nos dedos enquanto estava concentrada em algum problema, como naquele momento.

– Espere! – exclamou.

– O que foi?

– Ele não pode vender o lugar, mas isso não significa que tenha que morar aqui.

A Sra. Simpson estreitou os olhos.

– Não sei se entendi o que você quer dizer, Henry.

– Só precisamos garantir que ele, absoluta e definitivamente, não queira morar aqui. Acredito que não será difícil. É provável que seja um daqueles tipos delicados de Londres. Mas não faria mal deixá-lo um pouco, hum... desconfortável.

– Pelo amor de Deus, o que você está pensando em fazer, Henrietta Barrett? Colocar pedras no colchão do coitado?

– Nada tão extremo, garanto a você – debochou Henry. – Devemos ser muito gentis com ele. Seremos a personificação da gentileza, mas faremos o possível para deixar claro que ele não é adequado à vida no campo. Quem sabe o Sr. Dunford aprenda a amar o papel de senhor de terras à distância. Ainda mais se eu lhe mandar os lucros trimestrais.

– Achei que você reinvestia os lucros na propriedade.

– Sim, mas nesse caso só vou precisar dividi-los ao meio. Posso enviar metade para o novo lorde Stannage e reter a outra metade. Não gosto muito da ideia, mas será melhor do que ter o homem *aqui*.

A Sra. Simpson balançou a cabeça.

– O que exatamente você está planejando fazer?

Henry continuou a girar a mecha de cabelo entre os dedos.

– Ainda não sei ao certo. Vou ter que pensar um pouco.

A Sra. Simpson olhou para o relógio.

– É melhor pensar rápido, porque ele estará aqui dentro de uma hora.

Henry foi na direção da porta.

– É melhor eu ir tomar um banho.

– Sim, se não quiser conhecê-lo exalando os aromas do campo – respondeu a Sra. Simpson. – E não me refiro à parte das flores e do mel, se é que me entende.

Henry deu um sorrisinho atrevido.

– Pode pedir a alguém que me prepare um?

Depois que a governanta assentiu, ela subiu a escada correndo.

A Sra. Simpson estava certa: ela não cheirava muito bem. Mas o que se poderia esperar depois de uma manhã supervisionando a construção de um novo chiqueiro? Foi um trabalho complicado, mas Henry gostou de

executá-lo – ou melhor, admitiu para si mesma, de supervisioná-lo. Mergulhar até os joelhos na lama não era exatamente uma de suas atividades preferidas.

De repente, Henry parou no meio da escada, com os olhos brilhando. Não era uma de *suas* atividades preferidas, mas era ideal para o novo lorde Stannage. Ela poderia até se envolver de forma mais ativa no projeto se isso significasse convencer o tal Dunford de que os senhores de terra tinham que fazer esse tipo de coisa o tempo todo.

Sentindo-se muito animada, Henry seguiu em frente e chegou ao quarto. Levaria alguns minutos para a banheira encher, por isso pegou a escova de cabelo e foi até a janela para apreciar a paisagem. Saíra com o cabelo preso em um rabo de cavalo, mas mesmo assim o vento o embarçara todo. Henry desamarrou a fita que o prendia porque seria mais fácil lavá-lo já desembaraçado.

Enquanto escovava o cabelo, observou os campos ao redor da casa. O sol estava começando a se pôr, colorindo o céu em um tom de pêssego. Henry soltou um suspiro emocionado. Nada tinha tanto poder de comovê-la quanto aquelas terras.

Então, como se tivesse sido planejado especificamente para estragar aquele momento perfeito, algo brilhou no horizonte. Ah, meu Deus, não poderia ser o... vidro. O vidro da janela de uma carruagem. Que droga, ele estava adiantado.

– Maldito seja – murmurou Henry. – Que falta de consideração!

Ela olhou para trás, por cima do ombro. O banho não estava pronto.

Aproximando-se da janela, Henry examinou a carruagem que agora se aproximava da casa. Era bastante elegante. Ao que parecia, o Sr. Dunford já era um homem de recursos antes mesmo de herdar Stannage Park. Ou isso ou tinha amigos ricos dispostos a lhe emprestar um meio de transporte. Henry continuou observando, sem o menor constrangimento, enquanto escovava o cabelo. Dois criados correram para descarregar os baús. Ela sorriu com orgulho. Mantinha aquela casa funcionando como um relógio.

Então a porta da carruagem se abriu. Sem se dar conta do que fazia, Henry se aproximou ainda mais do vidro da janela. Um pé calçado com uma bota emergiu de dentro do veículo. Uma bota bastante bonita e máscula, observou ela. Então viu que a perna que se seguiu à bota era tão viril quanto o calçado.

– Ah, não – murmurou Henry.

Ao que parecia, o Sr. Dunford não era um fracote cheio de melindres. Quando o dono da perna desceu da carruagem, ela pôde vê-lo de corpo inteiro.

E deixou cair a escova de cabelo.

– Ai, meu Deus – sussurrou.

O sujeito era uma beleza. Não, beleza, não, corrigiu-se, porque isso parecia implicar algum tipo de delicadeza e aquele homem não era nem um pouco delicado. Era alto, tinha um corpo musculoso e ombros largos. O cabelo castanho era cheio, um pouco mais longo do que ditava a moda. E o rosto... Sim, Henry estava olhando para ele a quatro metros de distância, mas até dali ela conseguia ver que o rosto do novo lorde Stannage era tudo que um rosto deveria ser. As maçãs eram altas, o nariz, reto e forte, e a boca, elegantemente desenhada, com um toque irônico. Henry não conseguia ver a cor dos olhos, mas tinha a impressão de que eram carregados de uma inteligência perspicaz. E ele era muito, muito mais jovem do que ela esperava. Henry havia imaginado um homem de uns 50 anos. Aquele não devia ter mais de 30.

Henry gemeu. Seria tudo bem mais difícil do que havia imaginado... Ela precisaria ser muito astuta para enganar aquele homem. Suspirando, se abaixou para pegar a escova e foi para o banho.

G

Enquanto Dunford examinava silenciosamente a frente de sua nova casa, um movimento em uma janela no andar de cima chamou a sua atenção. A luz do sol refletia no vidro, mas ele pensou ter visto uma jovem com longos cabelos castanhos. No entanto, antes que pudesse ter uma visão melhor, ela se virou e desapareceu dentro do quarto. Estranho... Nenhuma criada estaria parada de braços cruzados diante de uma janela àquela hora do dia, especialmente com o cabelo solto. Dunford se perguntou quem seria, mas logo afastou o pensamento. Teria tempo suficiente para descobrir mais a respeito da jovem; naquele momento tinha coisas mais importantes a fazer.

Toda a criadagem de Stannage Park estava reunida diante da casa para a inspeção dele. Havia cerca de duas dúzias de criados ao todo, um número pequeno para os padrões da aristocracia, mas Stannage Park era uma propriedade bastante modesta para um nobre do reino. O mordomo, um homem

magro chamado Yates, esforçava-se ao máximo para tornar o procedimento o mais formal possível. Dunford tentou agradá-lo adotando uma atitude austera – parecia ser o que os criados esperavam do novo senhor da casa. No entanto, foi difícil permanecer sério enquanto um criado após outro se inclinava em uma reverência diante dele. Dunford nunca imaginara ter um título, assim como nunca imaginara que, com ele, viriam terras e uma casa. Seu pai fora o caçula de um filho caçula, então só Deus sabia quantos Dunfords tiveram que morrer para colocá-lo diante daquela herança.

Depois da mesura da última criada, Dunford voltou sua atenção para o mordomo.

– Se essa apresentação for um indicativo, vejo que dirige esta casa de forma excelente, Yates.

Yates, que nunca conseguira exibir a expressão pétrea que era um pré-requisito entre os mordomos de Londres, enrubesceu de prazer.

– Obrigado, milorde. Nós nos esforçamos ao máximo, mas devemos agradecer a Henry.

Dunford ergueu uma sobrancelha.

– Henry?

Yates engoliu em seco. Ele deveria tê-la chamado de Srta. Barrett. Era aquilo que o novo lorde Stannage esperaria, sendo de Londres e tudo o mais. E o homem era o novo tutor de Henry, não era? A Sra. Simpson o puxara de lado e sussurrara aquela novidade em seu ouvido havia menos de dez minutos.

– Humm, Henry é... – Yates se interrompeu. Era tão difícil pensar nela como qualquer coisa *que não* Henry. – Quer dizer...

Mas a atenção de Dunford já havia sido capturada pela Sra. Simpson, que lhe assegurava que estava em Stannage Park havia mais de vinte anos e sabia tudo sobre a propriedade – bem, ao menos sobre a casa –, e se ele precisasse de alguma coisa...

Dunford piscou algumas vezes enquanto tentava se concentrar nas palavras da governanta. Percebeu que ela estava nervosa. Provavelmente era por isso que estava tagarelando como um... bem, ele não sabia. E o que ela estava dizendo mesmo? Um movimento rápido nos estábulos chamou sua atenção e Dunford deixou o olhar vagar naquela direção, esperando um momento para ver se percebia mais alguma coisa. Ora, devia ter sido só imaginação. Ele se voltou de novo para a governanta. Ela estava dizendo algo sobre Henry. Quem era Henry? A pergunta estava na ponta da língua e teria saído de seus

lábios se um porco gigante não tivesse disparado a toda a velocidade pela porta parcialmente aberta dos estábulos.

– Maldição, mas que diabo... – sussurrou Dunford, mas não conseguiu completar a imprecação.

Estava fascinado com o absurdo da situação. A criatura disparou pelo gramado, movendo-se mais rápido do que qualquer porco deveria ser capaz. Era uma enorme fera suína – só poderia ser chamado assim, já que não era um porco comum. Dunford não tinha dúvida de que alimentaria metade da aristocracia se fosse parar nas mãos de um bom açougueiro. O porco alcançou o grupo de criados e as mulheres gritaram e saíram correndo em todas as direções. Atordoado com o movimento repentino, o animal parou, ergueu o focinho e soltou um grito infernal. E depois outro, e outro, e...

– Cale a boca! – ordenou Dunford.

O porco, percebendo a autoridade na voz que se dirigira a ele, não apenas se calou. Ele, na verdade, se deitou.

Henry ficou surpresa e, mesmo contra a sua vontade, impressionada ao ver aquilo. Ela descera correndo no minuto em que vira o porco sair dos estábulos e havia chegado à porta da frente no instante em que o novo lorde Stannage testava sua arrogância senhorial recém-conquistada com os animais do estábulo.

Henry agiu tão por impulso que esqueceu que acabara não conseguindo tomar o tão necessário banho. Ainda estava, portanto, vestida com roupas de homem. Roupas *sujas* de homem.

– Sinto muito, milorde – murmurou ela, lançando um sorriso tenso na direção dele antes de se inclinar e agarrar a coleira do porco.

Certamente ela não deveria ter interferido, pensou. Deveria ter deixado o porco se cansar de ficar deitado no chão, deveria rir quando ele fizesse coisas indizíveis com as botas novas de lorde Stannage. Mas Henry tinha muito orgulho de Stannage Park para não tentar impedir o desastre de algum modo. Não havia nada no mundo que significasse tanto para ela quanto manter aquela propriedade funcionando bem, e ela não suportaria que alguém pensasse que era comum ver porcos correndo em liberdade por ali. Mesmo que esse alguém fosse um lorde londrino de quem ela desejava se livrar.

Um funcionário da fazenda se aproximou correndo, pegou a coleira do porco da mão dela e o levou de volta aos estábulos. Henry endireitou o corpo, repentinamente ciente de como cada criado a observava, boquiaberto,

e limpou as mãos na calça. Então olhou para o homem moreno e bonito parado à sua frente.

– Como vai, lorde Stannage? – disse Henry.

Ela deu um sorriso de boas-vindas. Afinal, não queria que ele percebesse que ela estava planejando espantá-lo dali.

– Como vai, senhorita, hum...

Henry estreitou os olhos. Ele não se dera conta de quem ela era? Sem dúvida, o Sr. Dunford teria imaginado uma tutelada um pouco mais nova, uma jovem senhorita paparicada e mimada que nunca se aventurava ao ar livre, muito menos dirigia uma propriedade inteira.

– Srta. Henrietta Barrett – disse ela em um tom que sugeria que ela esperava que ele reconhecesse o nome. – Mas pode me chamar de Henry. É como todos me chamam.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo
Uma noiva rebelde

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma
Brilhante – A história de Belle
Indomável – A história de Henry

editoraarqueiro.com.br

